



SOCIEDADE DANIFICADA

o mundo em disputa de Marcia
Tiburi

Pablo Vinícius Dias Siqueira¹
Universidade Federal de Uberlândia

¹ Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Professor Colaborador da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: pablodiassi@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4081678197152982>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8568-731X>.

RESUMO: A resenha em questão concentra-se em pensar o ensaio *Mundo em disputa*: design de mundo e distopia naturalizada (2024), da filósofa, escritora e artista visual Marcia Tiburi a partir de dois conceitos que são desenvolvidos ao longo do presente texto e que importam muito para as ideias em curso – o conceito de mundo e o conceito de patrirracial capitalista. Para tanto, entre o utópico e o distópico, pensa-se parte do contexto social e político que motivou Tiburi a elaborar tais ideias e, de modo colateral, faz-se uma aproximação entre *Mundo em disputa* e outros livros da filósofa, por exemplo, *Como derrotar o Turbotecnomachonazifascismo* (2020). Tendo em mente os limites constitutivos da resenha, o presente texto não preza pela rigidez sistêmica, mas, sim, pela intencionalidade ensaística e dialógica em torno do pensamento de Marcia Tiburi.

Palavras-chave: Marcia Tiburi. Mundo em Disputa. Mundo codificado. Filosofia Contemporânea. Distopia.

ABSTRACT: This review focuses on philosophize with the essay *Mundo em disputa*: design de mundo e distopia naturalizada (2024), by philosopher, writer and visual artist Marcia Tiburi, with two concepts in mind, specifically, both are developed throughout this essay and are very important for the ideas in progress – the concept of world and the concept of patrirracialcapitalista. For this purpose, between the utopian and the dystopian, we consider part of the social and political context that motivated Tiburi to develop such ideas and, collaterally, we make an approximation between the reviewed book and others essays by the philosopher, for example, *Como derrotar o Turbotecnomachonazifascismo* (2020). Bearing in mind the constitutive limits of the review, this paper does not value systemic rigidity, but rather essayistic and dialogical intentionality around Marcia Tiburi's philosophy.

Keywords: Marcia Tiburi. Mundo em Disputa. Codified world. Contemporary philosophy. Dystopia.

Um mundo sem alteridade, sem subjetividade, sem filosofia e sem poesia, sem arte e sem amor. É contra um mundo assim que o mais recente ensaio da filósofa, escritora e artista visual Marcia Tiburi se coloca. *Mundo em disputa*: design de mundo e distopia naturalizada, publicado em 2024, parte de graves constatações que a filósofa faz ante à naturalização e resignação diante do que há de pior para a vida humana. Trata-se das forças que levam a uma aceitação inerte da produção de impossibilidades e frustrações que é vertida em uma política de condicionamento a tudo que prosta o ser humano e exaure os sentidos da vida, tornando o vazio o único sentido que lhe é próprio. Tiburi prova essa inversão de sentido identificando, justamente, o uso degradante da linguagem por parte daqueles que tentam corromper o pensamento crítico e ocultar o fato de que disputas conceituais são disputas políticas e ideias movem o mundo. Trata-se de quem pode disputar os vários níveis do mundo da política, qual discurso pode disputar o lugar de verdade em um mundo negacionista e, sobretudo, quem, de maneira alienada, é colocado em disputa contra quem?

O mundo torna-se, conceitualmente, um não-lugar onde não há pertencimento, um lugar que transborda somente inadequação e invariabilidade como termômetros dessa coisa caduca e sórdida que leva o nome de normalidade; um lugar onde o cotidiano não é capaz de criar contemplação, espanto, reflexão, prazer, sentido, ou seja, vida como obra de arte. Um cotidiano propositalmente construído apenas com angústia, aflição, trabalho, cansaço, sofrência e perversão. Trata-se de uma sociedade danificada contida em um mundo totalmente corrompido. Portanto, estamos em guerra: uma guerra contra a subjetividade promovida pela indústria cultural, a qual nos persuade a crer que o conforto reside na ausência de reflexão. Consequentemente, a dormência do pensamento reflexivo nos deixa insensíveis ao desconforto de viver em um mundo excessivamente simplificado.

Na contramão desse mundo, Tiburi percebe questões contemporâneas tão graves quanto pusilânimes. Desde “o mundo enquanto alteridade indedutível no horizonte da complexidade e da compreensibilidade” (Tiburi, 2024, p. 97) – que atravessa a filosofia de ponta a ponta – até o “princípio de obscurantismo e a geometria variável do ódio num mundo criptografado” (Tiburi, 2024, p. 125) – que alcança e mesmo ultrapassa Vilém Flusser e Pierre Lévy com, respectivamente, *O mundo codificado* (2007) e *Cibercultura* (2021). Tudo isso, considerando a obra de Tiburi, chega a ser autorreferencial por abordar à ética, à vida cotidiana e à vida virtual – temas que Tiburi investiga há mais de uma década, desde que publicou ensaios como *Olho de vidro* (2010) e *Filosofia prática* (2014).

Em termos introdutórios, para Tiburi, o mundo em disputa aglutina, por colisão, vários mundos despedaçados, por isso a ideia de globalização enquanto cacotopia, termo que dá conta do despedaçamento das subjetividades e que

[...] pretende a totalidade e a aceitação como inevitável. Trata-se de uma guerra contra a subjetividade promovida pela indústria cultural, ela mesma o aparelho produtor e reprodutor da mentalidade capitalista. A distopia é o conceito da vez, a ser vivido diariamente como forma do mundo que avança para a cacotopia universal (Tiburi, 2024, p. 153).

Essa cacotopia universal nada mais é que o estado atual do capitalismo camuflado em suas expressões involutivas, como o estado neoliberal ou o pós-capitalismo. Projeto do capitalismo é, em primeira e última instância, a destruição do mundo no qual vivemos. Na verdade, no mundo em que ainda sobrevivemos, para espanto e gozo daqueles que sustentam esse sistema de opressão. Dos mundos mais evidentes dentro desse mundo em disputa está “o mundo codificado como mercadoria” (Tiburi, 2024, p. 115) o que implica necessariamente na

uniformidade e o reconhecimento pelos indivíduos pertencentes, que são os herdeiros das informações que codificam o mundo. Esse conjunto de informações organizadas num jogo (a linguagem lógica em um espaço lógico), ou seja, em uma codificação que produz ação, será repetido por cada indivíduo, e a função individual dentro do jogo é mediar uma informação. A informação é mais importante que os corpos que a transmitem, pois ela é o próprio sistema, uma engrenagem sem vida que ocupa o espaço da vida para reproduzir sua estrutura e sua lógica (Tiburi, 2024, p. 120).

É nesse contexto de guerrilha teórica que um mundo de conceitos prévios, como mundo codificado, encontra com um mundo carente de conceitos mais próprios. Conceitos que precisam escapar da esfera eurocêntrica do pensamento. Em diálogo com o conceito de turbotecnomachonazifacismo, que dá nome ao conjunto de ensaios publicados em 2020, Tiburi dimensiona o conceito de patrirracialcapitalista que, em termos de design de pensamento, delineia a “destruição do mundo enquanto o transforma em mercado da catástrofe” (Tiburi, 2024, p. 251). Segundo Tiburi, aqueles com pensamento e ação definidos pelo patrirracialcapitalista são “psicopatas que rondam a nossa casa munidos de todas as armas que podem ser usadas numa guerra híbrida infinita” (Tiburi, 2024, p. 33). Eles são seres sem escrúpulos que já estão ou farão de tudo para chegar “no topo de uma cadeia em cuja base estão os miseráveis devorados pela fome e pela necessidade, os que têm menos chance de se proteger nos espaços da cadeia aprisionante do sistema (Tiburi, 2024, p. 33). Os patrirracialcapitalistas, ou PRCCs, escondem “não só a falta de amor aos outros, mas também a falta de amor a si mesmo. A falta de erotismo, no sentido genérico de disposição para a vida, revela

o gozo com a morte em sua fase viciada. A aniquilação de tudo e a autoaniquilação entregam-se ao abismo” (Tiburi, 2024, p. 33).

O tipo social identificado nesse conceito é um predador capital, um devorador de mentes, um produtor e reproduzidor de violências físicas e simbólicas que deseja, por meio do cotidiano mais alienado, por meio da política institucional e, claro, por meio da dor do outro infligida com a dominação dos meios de produção e dos meios de comunicação de massa, a perpetuação da exclusão, da indiferença e do sofrimento. Esse tipo social atualiza as ideias e os comportamentos de misoginia, homofobia, aporofobia, racismo, nazismo e odeia qualquer pensamento mais elaborado, mais sofisticado, mais inteligente. Odeia quem é capaz, ao mesmo tempo, de apresentar o ser humano que se rebela contra a naturalização, o ser humano como de fato é – tão diferente e tão diverso – e incluir, sobretudo no campo político, noções como raça, gênero, idade, plasticidade e sexualidade.

Esse tipo social investe na violência verbal e na violência epistemológica, que causam mera identificação em um mundo virulento e carente de pensamento crítico. Investem também na violência do espetáculo que vai desde o ridículo que é causar constrangimento com arma de fogo de porte ilegal, até a violência político-partidária, que provoca o pior nível de agressão, ao lançar projetos de lei que multam em até dezessete mil reais quem entregar alimentação às pessoas em situação de rua ou que criminalizam vítimas de estupro ao equiparar o aborto legal ao crime de homicídio. Com intuítos sempre autoritários, elitistas e conservadores, esse tipo exibe propositalmente uma dificuldade imensa e falseada de perceber e admitir a diversidade e, ao mesmo tempo, a autocontradição – quando a contradição em um discurso ou postura extremista é constatada, imediatamente, surge uma falsa justificativa da contradição a partir de um preconceito, de uma outra mentira, de uma desinformação que acabam por revelar a automação que caracteriza esse raciocínio que, por definição, é redundante, como são redundantes lemas como deus, pátria, família. O mundo em que vivemos agora é disputado por esse tipo, por esse perfil. Cabe a quem pensa diferente, para não se igualar e também para se proteger, a disposição e o esforço para

[...] compreender uma codificação para interagir com ela ou ultrapassá-la, para ficar dentro de um mundo ou ir além dele, entende-se que o mundo patriirraccapacitalista funciona como codificação. Ele se sustenta na medida em que é interiorizado, aceito e validado pelos corpos que usa para se manter. O realismo patriirraccapacitalista propõe que o único jogo a ser jogado é o da aceitação de sua norma reguladora da vida. Talvez a infelicidade desse mundo, expressa na onda do que vem sendo chamado de depressão e na sensação de perda de sentido, derive da impossibilidade de sair desse circuito (Tiburi, 2024, p. 120).

Uma das saídas apresentadas por Tiburi para esse circuito sinistro é justamente a ação do questionamento, a coragem de contestar as estruturas de poder e as narrativas que legitimam o

sofrimento como norma. Entre as ideias de mundo, os dramas da linguagem, as vertigens do contemporâneo e a entrega árdua à criação de conceitos, Tiburi merece reconhecimento por conseguir equalizar tudo isso e ainda estabelecer, dentro e fora do mundo filosófico, rupturas com a lógica dominante, convocando o leitor a transgredir sentimentos de inferioridade e inadequação enquanto formas de prisão, apresentando, de outro modo, a possibilidade de pensar, sentir e experimentar um mundo mais justo e mais humano. Quiçá mais feliz.

Resenha recebida em: 02/06/2024

Resenha aceita em: 09/10/2024

Resenha publicada em: 28/10/2024



REFERÊNCIAS

- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Trad. de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2021.
- TIBURI, Marcia. *Filosofia prática*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- TIBURI, Marcia. *Mundo em disputa: design de mundo e distopia naturalizada*. Rio de Janeiro: Record, 2024.
- TIBURI, Marcia. *Olho de vidro - a televisão e o estado de exceção da imagem*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- TIBURI, Marcia. *Como derrotar o Turbotecnomachonazifascismo*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

